

metafísica em geral e de uma antropologia metafísica em particular. O segundo capítulo é o mais vasto (pp. 45-234) e versa sobre o acesso metafísico à pessoa humana. Numa primeira parte, analisa o específico do homem, do seu corpo e da sua alma; numa segunda, passa em revista a história da procura da essência da pessoa: no mundo clássico, no mundo judaico, no mundo cristão, no pensamento medieval, no pensamento moderno, com o seu giro antropocêntrico, e a recuperação da *memoria personae* no pensamento do século XX; numa terceira parte, desenvolve a metafísica fundamental da pessoa humana, com aspectos e subtemas como a noção de pessoa em Boécio e em S. Tomás, e a partir da metafísica do ente criado; unidade substancial do corpo e alma, carácter pessoal do corpo, dignidade da pessoa; finalmente, numa quarta parte, detém-se sobre o acesso ao ser pessoal, com incidências sobre a simplicidade desse ser, o método próprio da arte, o ser pessoal como amor e a liberdade essencial desse mesmo ser. O terceiro capítulo é dedicado expressamente ao tema da liberdade, com uma breve incursão histórica; tece considerações sobre a aporia de implicar, ao mesmo tempo, a capacidade de fazer o bem e o dever de o cumprir; faz alusão à memória kierkegaardiana da liberdade e à solução netsheana; apresenta a concepção da liberdade como concepção amorosa; procura, enfim, uma resposta para a aporia da liberdade.

Sendo um ensaio, mais de sistematização de pensamento já produzido que de pensamento próprio, não deixa de apresentar aspectos de originalidade. E constitui, em todo o caso, uma boa síntese do pensamento filosófico sobre a pessoa humana.

JORGE COUINHO

Rus, Éric de, **La personne humaine en question. Pour une anthropologie de l'intériorité**, Cahier d'études steiniennes n° 3, Ad Solem / Les Éditions du Cerf / Éditions du Carmel, Paris, 2011, 134 p., 215 x 145, ISBN 978-2-204-09306-4.

Estamos perante um ensaio sobre a antropologia de (Santa) Edith Stein. No parecer do autor, trata-se do fio condutor de toda a obra desta filósofa judeo-alemã, que confere unidade e constitui uma chave hermenêutica privilegiada para a compreensão da sua obra vasta e plurifacetada. O que Edith Stein sempre procurou e que constitui o centro de gravidade do seu itinerário intelectual e espiritual, foi «a constituição da pessoa humana» e a realização do sentido do seu ser. Deste modo, estamos perante um pensamento que não pode deixar de interessar grandemente ao nosso tempo, pois já que procura resposta a todo aquele que, por usa vez, procura saber o essencial do que é o ser humano e do que é viver segundo o sentido fundamental do seu próprio ser.

Éric de Rus pensa também que uma tal linha de pensamento é inseparável de uma «diligência vital» («une *démarche vitale*»), dado que ela é, acima de tudo, uma via de unificação da pessoa humana a partir da sua *interioridade*. Daí o subtítulo atribuído.

O livro está estruturado em duas partes. Na primeira – com o título que lembra, à partida, a radicação de Edith Stein na fenomenologia de seu mestre Husserl: «Ser no mundo» – em cinco capítulos, Rus detém-se sucessivamente sobre a «conversão filosófica» da autora estudada, sobre a abertura da pessoa humana à transcendência e a orientação teocêntrica da obra steiniana, sobre a pessoa como ser de

relação, sobre a pessoa como ser relacional e livre, e sobre o ser humano como unidade substancial de alma e corpo. Na segunda parte – «A adveniência da pessoa» –, em outros tantos capítulos, analisa primeiro o steiniano e humano desdobrar-se sobre o sentido do seu próprio ser: depois, sobre a interioridade espiritual como morada de Deus e espaço de doação; o capítulo terceiro incide sobre a economia da salvação; o quarto, sobre cruz e fecundidade; o quinto, sobre o viver da vida de Cristo, no Espírito Santo.

Como se vê, na obra de Edith Stein há, não só uma permanente abertura à transcendência, mas, mais concretamente, uma abertura ao sobrenatural. Uma filosofia que se abre em teologia.

JORGE COUTINHO

AGOSTINHO, Santo, **O Mestre**, col. «Earth Gift», Largebooks Unipessoal, s. l. [Lisboa], 2010, trad. de António Costa, 107 p., 219 x 140, ISBN 978-989-96012-2-2.

Livro muito conhecido, um dos primeiros que o grande Mestre de Hipona escreveu, ainda em plena juventude, em forma de diálogo socrático com seu filho Adeodato, através de uma minuciosa análise do processo de ensino / aprendizagem entre mestre e aprendiz da verdade vai lentamente trazendo à luz que por meio de palavras ninguém ensina a verdade a ninguém. A verdade só se ensina por si mesma, cabendo ao aprendiz dela descobri-la por si mesmo, no interior de si mesmo, a partir dela mesma. O que exteriormente se apresenta como mestre não é mais que um pedagogo cujo papel consiste em levar o aprendiz àquela descoberta. Com efeito, como Agostinho dirá no seu *De vera religione*, «é no interior do homem (ou no

“homem interior”) que habita a verdade». E é a partir daí que ela vem à luz, sendo que a própria verdade interior tem a sua fonte mais remota no Mestre interior, Cristo, o Verbo ou Palavra de Deus, que habita no interior do homem e nele se torna Verbo iluminador.

Este é um clássico da filosofia, muitas vezes reeditado, que mostra, por si mesmo, o valor perene da obra de pensamento daquele que foi chamado, e foi de facto durante muitos séculos, Mestre do Ocidente.

JORGE COUTINHO

AGOSTINHO, Santo, **Da Grandeza da Alma**, col. «Earth Gift», Largebooks Unipessoal, s. l. [Lisboa], 2010, trad. de António Costa, 172 p., 219 x 140, ISBN 978-989-8415-05-9.

Mais um dos «diálogos filosóficos» de Agostinho, *A grandeza da alma (De quantitate animae)*, com bastante influência do platonismo, procura responder a algumas importantes questões do aluno Evódio a respeito da alma humana. O grande mestre desenvolve o seu discurso dialógico no sentido de mostrar a ascendência da alma sobre o corpo e sobre si mesma e a sua capacidade para a contemplação de Deus. A união da alma com o corpo constituindo um único ser completo com capacidade para existir também em estado de separação – união que Agostinho considerou sempre um dos maiores mistérios da natureza humana – é também aqui versada. A sua essencial vocação é a contemplação da Verdade, que habita, por participação / iluminação no interior do homem (ou na própria alma espiritual) e cuja realização acabada terá lugar no estado de separação, na visão imediata da eterna Verdade que